REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

HANA E ESTHER: MARGINALIDADE E PROSTITUIÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX

HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY

Francisco Pereira Smith Junior
Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, Pará/Brasil

Lucideyse de Sousa Abreu
Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém, Pará/Brasil

Resumo: O presente artigo aborda a figuração do fenômeno imigratório judaico a partir de um olhar interdisciplinar sobre as obras literárias *Cabelos de fogo* (2010) do escritor paraense Marcos Serruya e *O ciclo das águas* (2010), do rio-grandense-do-sul, Moacyr Scliar. As duas obras possibilitam o estudo da temática da imigração judaica a partir das personagens Hana e Esther, que protagonizam uma vertente da história de mulheres judias escravizadas no Brasil. Assim, por meio das protagonistas, pretende-se dar visibilidade às mulheres judias imigrantes que foram vítimas de tráfico de pessoas no país de origem (Polônia), com as promessas de sobrevivência na América do Sul no início do século XX. Neste aspecto, retratou-se a marginalização e o apagamento histórico, seja pela religião, gênero ou condição de estar no “entre-lugar".

Palavras-chave: Polacas. Personagens. Marginalidade. Prostituição.

Abstract: This paper discusses the figuration of the Jewish immigration phenomenon from an interdisciplinary perspective on the literary works Cabelos de fogo (2010), by Pará writer Marcos Serruya, and O ciclo das águas (2010), by Moacyr Scliar, from Rio Grande do Sul. Both works enable the study of the Jewish immigration theme through the characters Hana and Esther, who play a role in the history of enslaved Jewish women in Brazil. Thus, through the protagonists, it is intended to give visibility to immigrant Jewish women who were victims of human trafficking in their country of origin (Poland), with the promises of survival in South America at the beginning of the 20th century. In this aspect, the marginalization and historical erasure is portrayed, whether by religion, gender or condition of being in the "in-between-place".

Keywords: Polish. Characters. Marginality. Prostitution.

1. INTRODUÇÃO

A comparação das personagens deste artigo se dará em relação aos processos da imigração judaica para o Brasil e ao tráfico de mulheres, que foram retratados na ficção, no início do fenômeno migratório na América, em específico no

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

final do século XIX. No entanto, ressalta-se que essa abordagem apresentará um enfoque no antissemitismo, nas organizações abolicionistas atuantes na época e na identidade judaica em combate aos "indesejáveis" (FALBEL, 2008), relacionando as presenças desses temas nos romances analisados.

Os termos "indesejáveis" e "impuros" são apresentados por Falbel (2008) e referem-se às mulheres que viviam em prostituição, assim como aos cafetões e aliciadores. No entanto, o especialista não distingue os adjetivos das mulheres que foram enganadas e traficadas, atribuindo a todos os mesmos valores de exclusão e culpabilidade, sem levar em consideração as hierarquias de poder e violências a que estas foram submetidas.

Essa relação pretendia evitar associações das comunidades judaicas com o tráfico de mulheres brancas, e com as mulheres que foram escravizadas, o qual dar-se-á desde o início do intenso fluxo de imigração para América, no final do século XIX e início do Século XX. Neste período, observa-se uma conscientização de isolamento e reafirmação de identidade judaica, já provocada pelo antissemitismo que influenciou a saída dos lugares de origem, para evitar uma imagem fixada como traficantes e/ ou como "polacos" e "polacas"[1]. Nesse contexto, o tráfico de mulheres, e a prostituição acentuavam o antissemitismo na Europa e se refletiam também na Argentina e Brasil.

Esses processos, reafirmam o quanto foi silencioso e de difícil combate do tráfico de mulheres judias, assim como a própria adequação cultural, recepção e humanização dessas mulheres em solo americano. Como apresenta no romance, Hana não era alfabetizada.

> Logo após terem decido do navio, os estrangeiros foram encaminhados ao setor de imigração, localizado no porto. Ali deveriam apresentar seus documentos e preencher uma ficha. Para não revelar sua filiação, Hana

[1] [...] "O termo 'polaco' passará a ter conotação de traficante, ou cáften, assim como 'polaca' equivalerá como prostituta aos olhos da população não-judia" (FALBEL, 2008, p. 149).

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



> alegou ter perdido seus documentos durante a viagem. Convidada a anotar seus dados, declarou não saber ler e escrever - o que era pura verdade. Sendo assim, o próprio funcionário teve de preencher a ficha. (SERRUYA, 2010. p. 71).

Esther, em contrapartida, escrevia cartas para a mãe, o que mostrava a alfabetização na língua de partida iídiche, mas não dominava a língua portuguesa. Este aspecto é ilustrado no trecho "Escrevendo à família, contando da morte de Mêndele. "Mas – acrescentando – não se preocupem, estou na casa dos parentes dele, me tratam muito bem; gosto deste país, já estou trabalhando na casa de uma família judia, segue dinheiro" (SCLIAR, 2010, p. 31), ademais as personagens não entendiam a cultura de chegada e também não encontraram suporte ou ajuda nem do estado, nem da comunidade judaica já estabelecida no Brasil. Sobre esses aspectos:

> [...] inúmeras mulheres judias foram impulsionadas a migrar e exercer a prostituição em outros países, tendo em vista que esse já era o "ofício" desempenhado por muitas delas. Pode-se acrescentar o fato de que várias dessas mulheres eram analfabetas, tendo em vista que a educação nas pequenas aldeias onde viviam era religiosa, voltada apenas para os homens e não era gratuita. Por conta da condição de pobreza a que estavam submetidas, era difícil conseguir um bom casamento, já que na cultura judia o casamento estava vinculado ao dote, impossibilitando famílias menos favorecidas de casarem suas jovens mulheres. (BANDEIRA, 2014, p. 33).

A pesquisadora apresenta uma análise das mulheres que emigram como popularmente ficou conhecido o desejo de "fazer a América" sendo este já o labor dessas mulheres nos países em que a pauperização era em grande escala e o antissemitismo acentuava as dificuldades sociais. Assim, muitas dessas mulheres e mesmo as que sabiam que seu destino era em bordeis na Argentina ou Brasil, não tinham conhecimento concreto de como seria a vida do meretrício, as violências, exploração dos *cáftens* e do processo de marginalização nos países de origem, (ibidem, 2014). Ademais, essa escolha em migrar – ou a falta dessa escolha – é

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



baseada, como já referido anteriormente, em uma ilusão, com muitas possibilidades e segurança.

Nos romances em análise percebe-se que as personagens Hana e Esther foram buscar melhores condições de vida, sem ter noção daquilo que se tornariam. No fragmento abaixo há uma descrição da difícil realidade das personagens.

> Esther fechou a porta. A sós com o moribundo, deu-lhe um súbito desespero. Sacudia Mêndele, interrogando-o: o que deveria fazer em Buenos Aires? A quem procurar? Onde? E depois: o que vai ser de nós, Mêndele? [...]. Esther fazia perguntas, queria saber como era a América, como era Buenos Aires, se os argentinos eram índios, que língua falava. Já verás, dizia o médico, rindo. (SCLIAR, 2010, p. 26-27).
> [...] Sima concordou logo, porque todos afirmaram que ficar em Buenos Aires, sede da Tzvi, era o melhor que poderia acontecer a qualquer uma delas, era onde se vivia melhor, com garantia, inclusive, de assistência social. Era o que todas as experientes preferiam. (SERRUYA, 2010, p. 67-68).
> [...] A capital da Argentina nessa época se constituía no terceiro centro mundial de tráfico de brancas - como era chamada as ditas "mulheres de vida fácil". Lá a Tzvi Migdal tinha a sua sede, na rua Córdoba. Em Buenos Aires haviam mais de três mil casas noturnas nos bairros conhecidos "La boca", "El bajo" e outros próximos do porto. E essas casas requeriam mais e mais "carne nova" para prosperidade de seus negócios. (SERRUYA, 2010, p.66).

Nos trechos acima, a personagem Esther é desamparada pelo traficante, que havia enganado com um falso casamento, e com a morte do pretenso esposo antes de chegar em terras americanas. Também, após essa passagem, o romance mostra que a organização já estava à espera da personagem e de outras mulheres que vieram "voluntariamente" ou "enganadas"[2]. É importante frisar que a chegada delas em terras argentinas e brasileiras, não teve nenhuma dificuldade, mesmo que Esther estivesse sozinha, sem a companhia do falso esposo.

Na história, Falbel (2008) esclarece essa liberdade do tráfico e expõe que no continente sul-americano, a Argentina e o Brasil, ao adotarem políticas de

[2] *Termo usado por Serruya (2010, p. 65).*

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



colonização de seus territórios visavam assim atrair imigrantes europeus, por meio da propaganda que nem sempre eram adequadas. Assim, ainda segundo o autor, nesses países, bem antes do início de uma imigração judaica maior, ainda em meados dos anos 70, traficantes de escravas brancas passaram a atuar nessas rotas, e estes em atuação e deslocamento era com inteira liberdade.

Em *Cabelos de fogo* essa temática também está presente, com mais informações e descrição por parte do narrador:

> [...] As autoridades brasileiras não causaram nenhuma dificuldade à entrada das jovens estrangeiras, mas a operação de desembarque foi nervosa, porque algumas semanas antes, mais exatamente no dia 07 de janeiro, foi promulgada uma lei, a de número 1.641, que dispunha sobre a deportação de toados os proxenetas e cafetinas estrangeiros. Pelo visto, os países da América Latina haviam aberto guerra ao Tzvi Migdal- foi o que pareceu a Hana. (SERRUYA, 2010, p.70).

O narrador nesta citação apresenta a chegada de Hana no Rio de Janeiro, mesmo que muitas mulheres tivessem desembarcado na sede em Buenos Aires, outras seguiram viagem para o Brasil (Rio de Janeiro, Belém e Amapá), como apresenta a rota no mapa 1, que aponta a lei sobre a deportação de prostitutas e cafetinas estrangeiras, mas que mesmo a personagem tendo a sensação de uma possível intervenção, isso não se concretizou. Hana, assim como muitas outras que estava na mesma situação, não tinha documentação, não estava acompanhada e mesmo assim não houve nenhum impedimento da chegada dessas mulheres em terras brasileiras.

No estudo do 'tema' no âmbito da literatura, é possível visualizar a relação da história dessas mulheres que foram escravizadas, assim como ambos romances também proporcionam esse olhar, que para Candido (2017) na ficção, as personagens são elaboradas e manuseadas pelo escritor, o que permite uma visão mais ampla da temática ao se analisar as criações das personagens e as elaborações dos temas direcionam as ações das mesmas.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Sobre o tráfico de pessoas, conforme pondera Bandeira (2014, p. 19), a respeito do tráfico de mulheres, relacionam-se especialmente três temáticas: o crime organizado transnacional, a migração internacional não documentada e a marginalização das mulheres vítimas do tráfico. Estas são situações sociais que se apresentam nas abordagens históricas da imigração de mulheres judias. Deste modo, via comparação, percebe-se que as duas protagonistas se encaixam na relação com as três temáticas apresentadas para o tráfico de pessoas e, dentro deste, a migração.

A segunda temática, a migração dessas personagens não portadoras de documentação, o foco maior é dado em *Cabelos de Fogo*, romance em que Hana, e as demais personagens vítimas ou "voluntárias", ao se perceberem em solo brasileiro fazem registros e assim, Hana "ganha" uma nova identidade, sendo chamada de Ana Júlia. A partir desse momento, a personagem encara a situação como uma estratégia de esconder-se da família judaica, a mudança de nome e o não registro dos familiares é uma forma de mascarar a situação que contrariava os próprios princípios. Já Esther, não se apresentou para oficiais, não foi no romance citada a falta de documentação.

A terceira temática é a situação de marginalização dessas personagens. Assim, Esther mesmo inicialmente se deparando com uma situação diferente e estando em lugar mais adequado e bem estruturado (ainda que a personagem demonstrasse o desejo de sentir essas emoções advindas do meretrício e almejasse seu crescimento pessoal), essa situação não é algo durável. Em vários momentos a personagem aparece em condições de exclusão, de violência, de preconceito, que a remetem à marginalização, além da mesma exercer a prostituição e não ser vista e/ou acolhida na sociedade judaica e não judaica brasileira.

> Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusaram-na. [...] Toma um táxi. Chega cedo; mas já há uma pequena e barulhenta multidão comprime-se diante da bilheteria. Quando ela se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



> se. Ela vê uma senhora gorda cuspir no chão. Vê uma senhora nervosa sussurrar qualquer coisa no ouvido do marido. Mas não se perturba. Avança até a bilheteria, compra seu ingresso [...]. (SCLIAR, 2010, p.39).

Esse trecho é de uma memória da personagem quando questionada sobre sua origem judia. Esther relembra a situação em que sua presença não era bem-vista pela comunidade judaica e dos demais em uma bilheteria. Como expõe Falbel (2008) espetáculos e teatros, eram espaços que "os indesejáveis" ainda frequentavam, mesmo com cartazes contendo restrições expressas. "É proibida a entrada ao espetáculo de elemento indesejável" (FALBEL, 2008, p. 463). Após a reflexão memorialística da personagem, em resposta ao questionamento, Esther não se sentindo acolhida pela comunidade judaica e perdendo o contato com a família, ainda assim, se assume enquanto mulher judia: " Sim, sou uma moça judia, diz Esther e convida-o a entrar no quarto." (SCLIAR, 2010, p. 39).

Sobre a afirmação de identidade judaica feita pela personagem, e o sentimento de não pertencer a comunidade judaica Brasileira, Falbel (2018) define a identidade religiosa judaica como uma herança. Desse modo, os Cafténs, traficantes, ou suas vítimas, as prostitutas continuam sendo judeus/judias, pois não poderiam deixar de ser, uma vez que a identidade religiosa não é uma escolha, por mais que não seja cultivada. Este fato também se estende ao conceito de diálogo com Bhabha (2001) do entre-lugar, constituído em espaço intersticial, onde a identidade da personagem adquire novos sentidos.

Falbel (2018) traz em sua contextualização sobre a identidade coletiva, em que a mesma é definida em uma identidade formada por outras pessoas. Referindo outros teóricos judaicos, Falbel aponta que além da religião, valores como tradição, cultural, língua e etos nacional, são responsáveis pelos sentimentos de irmandade em coletivo social da identidade judaica. E, por essa classificação o teórico pontua que as vítimas de tráfico de mulheres brancas, chamadas de "prostitutas", assim

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



como os traficantes e cáftens – representando um único grupo marginal, “os indesejáveis”, “impuros” – nunca tiveram o sentimento de irmandade e assim, não podiam compartilhar das demais convivências do povo de Israel na diáspora.

Nessa perspectiva, Hana também vive dramaticamente essa marginalização por parte da sociedade. Hana fora vítima das violências, pauperização e da falta de intervenção social, de modo similar, a personagem Esther percebe-se em condições de vulnerabilidade e opressões pela exploração sexual.

Assim, já abordando a marginalização de exclusão dessas mulheres, Kushnir (1994) aponta ainda que as mulheres judias escravizadas não eram aceitas pela comunidade judaica nos países de destino, por serem consideradas impuras, ou fazerem parte da parcela de indesejáveis. Desse modo, mostra a pesquisadora que as mulheres eram impedidas de frequentar sinagogas ou mesmo de serem sepultadas nos cemitérios judeus. Diante dessa realidade, e assim como Esther e Hana, sentiam-se culpadas por estar na situação de exploração, não deixavam de ser judias e desejavam o resgate e iniciação dos filhos na comunidade judaica.

> A mãe queria que ele fizesse o bar-mitzvá; que lesse na sinagoga o seu trecho do Torá; que ingressasse, enfim, na comunidade dos homens judeus. Mas ele não queria. Por que não? - ela perguntava, ansiosa. Porque não - ele respondia. Ah, como se sentia mal, então. A própria voz, em falsete, lhe soava desagradável; a pele da cara, pastosa, parecia-lhe uma máscara. Desajeitado, esquivava-se da mão perfumada que queria acariciá-lo.
> Ela insistia: por que não? Porque não sei hebraico, respondia - à falta de desculpa melhor.
> Não era problema para Esther. Procurou o mohel, o mesmo da circuncisão, pediu-lhe que ensinasse a Marcos um pouco de hebraico. (SCLIAR, 2010, p. 73).

Em paralelo com a ficção, as polacas criavam meios de continuar professando a fé, auxiliando outras mulheres e diminuindo um pouco a invisibilidade social e exclusão da sociedade. Criaram as próprias sinagogas, cemitérios e associações, e desse modo, organizaram uma coletividade.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Essas associações aparecem nos romances, também como forma de combate ao tráfico de mulheres. Estas foram retratadas como outras mulheres também de origem judaica que iam aos portos tentar não permitir que judias desacompanhadas de suas famílias desembarcassem, pois poderiam ser alvos possíveis dos traficantes. Desse modo, alertavam aos perigos que poderiam ser submetidas no Brasil. Destaca-se os trechos:

> Embora algumas entidades judaicas de proteção às damas, como fundada em Londres, em 1885, pela baronesa Constance Rothschild, tentassem impedir o desembarque de moças judias desacompanhadas de suas famílias nos portos receptores, sua ação em geral era tímida e facilmente driblada pelos membros da Tzvi. (SERRUYA,2010 p. 67).

> Surpreendendo uma conversa de Leiser com a gerente: a Casa tinha sido denunciada ao governo argentino pela *Ezrat Nashin*, uma organização judia da Inglaterra que estava decidida a acabar com o *tráf. de branc.* Teriam de fechar por uns tempos. (SCLIAR, 2010, p. 31).

De forma explicita, são apontadas nos romances as menções de conhecimento por parte dos narradores e também das personagens que eram da organização criminosa e de suas vítimas. No entanto, como ressalta Serruya no primeiro trecho, as organizações de apoio as mulheres traficadas e combatentes desse crime eram facilmente enganadas pela organização da Tzvi. Na história, a Associação de Mulheres Judias (Froien Farein) foi fundada no Rio de Janeiro em 1916, oito anos após a chegada de Hana e antecede o desembarque de Esther. A associação publicou no número 54 do *Dos Iídiche Vochenblat* um apelo geral alertando e convocando a comunidade judaica para combater os traficantes de mulheres Judias. Além dessa associação, também se somaram outras organizações e associações a diminuir a violência e a exclusão das mulheres escravizadas.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Imagem 1 – Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita - ABFRI. Fonte: Museu de Arte do Rio. Augusto Malta (1921).

A imagem acima (ABFRI) ganhou destaque nos jornais do Rio de Janeiro pela organização de mulheres judias as quais alertavam sobre o tráfico de mulheres brancas e judias para fins de exploração sexual no Brasil. Desse modo, a organização de mulheres, atuava tanto no campo de ajuda e beneficência aos imigrantes, como também no controle da atividade dos cafetões, a fim de evitar o aliciamento das moças à prostituição e em demovê-las das situações de falsas promessa de casamento ou de enriquecimento na América, como era comum na época. Do mesmo modo, as próprias polacas buscaram se organizar para tentar recuperar espaços que não lhe eram permitidos, como a criação de sinagogas e

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



cemitérios, em busca de um caminho social de comunidade, como apresentada em *Cabelos de Fogo*:

> A direção do movimento estava preocupada porque as três capitais mais importantes para a organização em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio, "as irmãs", perceberam que era praticamente impossível serem aceitas pela entidades israelitas locais – que as queriam longe, para não ameaçar a sua boa reputação –, criaram, tal como havia sido feito em Buenos Aires, sua própria entidade religiosa e beneficente no ano anterior, em novembro de 1906. A nova entidade era a Associação Beneficente Funerária e Religiosa Israelita e sua presidente se chamava Clara Langer. Nos planos da Associação estava a fundação de uma Sinagoga a construção de um cemitério próprio. (SERRUYA, 2010, p. 70-71).

Assim, do mesmo modo emerge no romance de Serruya o desejo de afastar as "indesejáveis" e a Associação que busca diminuir essa separação, em uma construção do sentimento de irmandade.

Para retratar a temática das Associações de ajuda por mulheres judias nacionais e internacionais, é imprescindível dizer que há muitas divergências de estudos e de opiniões por parte dos pesquisadores. Esta pesquisa traz os pontos de ligação entre os teóricos já citados e principalmente na comparação com as literaturas e romances que são os objetos de estudos.

Em Scliar (2010) é citada a organização da *Ezrat Nashin,* organização protetiva de caráter internacional, sendo as atividades de ajuda e proteção das mulheres judias do *Froien Farein*, assim retratando no ficcional a associações que estavam ligadas a sociedade de Proteção de Mulheres na história. Assim, estas atuavam, principalmente, nas grandes cidades onde desembarcavam, e "foi importante a salvação de mulheres jovens". (FALBEL, 2008, p. 472).

Destaca-se a importância desse movimento e da organização de mulheres judias para o combate do tráfico e da escravidão de mulheres na história das Polacas e das mulheres no Brasil. No entanto, nos romances, essas organizações se restringiam a poucos centros, sendo em ambos mencionadas como possíveis empecilhos para o desembarque e rotas do tráfico que estendeu-se do sul ao norte

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



do Brasil, no entanto, consequentemente, Hana e Esther, não foram assistidas pelas Associações.

De acordo com a teoria da análise de personagens de romances (Candido, 2017), pode-se comparar as personagens com o mundo, mas não se prende somente à temática, ou motivo externo ao romance, como apontam com Claudon e Haddad-Wotling (1992). Acrescenta-se a isto o modo como as personagens são atreladas às problemáticas internas, no caso, o não auxilio ou contato com as organizações de mulheres de ajuda mútua também é um ponto de conexão comparada.

No que refere à identidade comunitária, as personagens viviam dentro da cultura, da religião, da língua e do etos judaico antes de serem escravizadas, e continuam sendo judias mesmo sendo retiradas do contexto. De acordo com Frye, o escritor de *ficção irônico* tende a censurar a si mesmo, organizando a objetividade completa e a supressão de todos os juízos morais explícitos. Assim, como define o teórico, a piedade e temor não são provocados, eles são refletidos ao leitor, a partir do contato com os romances.

Portanto, salienta-se a leitura nesta pesquisa das criações de Associações de ajuda às mulheres, como uma tentativa de resgate e de inclusão das mulheres que sofreram a diáspora do corpo, da cultura e da religião, se não na mesma identidade comunitária Judaica, como a da cultura de origem, mas em uma construída no entre-lugar, assim como são Hana e Esther, mulheres judias imigrantes, escravizadas e “indesejáveis”.

2. POLACAS: DE CAMPONESAS À “INDESEJÁVEIS”

Neste momento do artigo, direcionamos o foco para os diálogos a respeito das descrições sobre o processo do tráfico de mulheres e da subordinação destes sujeitos a partir da comparação com as personagens, mais especificamente, uma

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



reflexão sobre gênero e classe. As personagens imigrantes são categorizadas à lógica de quem já é visto como marginalizado, e se somam as opressões em relação a temática da exploração sexual em ambos romances. Do mesmo modo como foi apresentado, a exploração de mulheres, a fim de sanar necessidades patriarcais da sociedade em nome de um "embranquecimento" da cultura e o "desenvolvimento" da mesma.

Segundo Rubin (1993), o sistema chamado por ela de "sexo/gênero" é definido em uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana. E, no caso, a mulher está sujeita a diversos tipos de subordinação dentro desse sistema. Desse modo, as personagens Esther e Hana estão subordinadas a estes por meio das questões culturais e da vulnerabilidade social, as quais estavam inseridas. Assim, de acordo com a cultura judaica presente nos romances, as personagens precisam casar com pretendentes também da mesma origem, pagar um dote para o noivo e uma comissão para a casamenteira. Fatores econômicos que, consequentemente, dificultam as escolhas dos pretendentes.

> Estou aqui para fazer o *"shindurch*" (o arranjo do casamento). E vocês terão que me dar uma pequena comissão quando as núpcias se realizarem. Porque o noivo me adiantou uma parte de meu pagamento: deu-me dois carneiros! Aqui entre nós nunca recebi recompensa assim tão valiosa, e só vou aceitar dalguns rublos de vocês para dar sorte a Hana. Vocês sabem: se os pais da noiva não pagam a casamenteira... *ôi vavôi láh!* (Coitada da noiva). Ela vai ter má sorte!
> E enquanto à Nudenia, o dote, a família só terá que dar ao noivo dezoito rublos. Quantia simbólica. Uma Pechincha! Quando vocês pensaram algo assim? Agradeçam aos céus! (SERRUYA, 2010, p. 19).

É importante destacar que a disposição de pagamento do dote e da comissão foi algo que influenciou o interesse da família e da própria personagem Hana, ainda que houvesse a aceitação dos pretendentes. O que caracteriza que de acordo com a situação de vulnerabilidade que estavam inseridos, o casamento como



uma excelente oportunidade para todos os envolvidos, pois não disponha de valores mais elevados.

> [...] Uma família abastada prefere genros mais pobres, que os sogros podem sustentar e controlar. Quer que ele fique junto à família da esposa e não leve para mais longe. Por isso esse rapaz quer uma moça com poucos recursos.
> Uma jovem de família humilde está disposta a qualquer pequeno sacrifício pela sua felicidade!
> A explicação tinha lógica e Hana aceitou-a como verdadeira. Saiu de lá mais aliviada. (SERRUYA, 2010, p. 21).

Hana, antes de concordar com o noivado, havia recusado se casar com outros pretendentes. No entanto, o pretexto que uma jovem humilde poderia fazer sacrifícios pela felicidade e um bom casamento, longe da miséria, mesmo que para tal deixasse a família e fosse morar em outro país, era uma conquista para a situação social em que estavam inseridos. O fator financeiro, também. interessou a família, pois “teria uma boca a menos para alimentar ainda, e quem sabe, ele mesmo não passaria a receber ajuda do abastado genro?” (SERRUYA, 2010, p.22).

Em comparação com Esther, ludibriada com as histórias que ouviu o pretendente contar sobre a América, e com as promessas feitas de fortuna e distinta da simples vida na aldeia polonesa, fez com que a mesma aceitasse o pedido de casamento e o noivo pedisse permissão para o pai da jovem. É importante destacar que o pretendente se sentia culpado pela ação, como se um sentimento de pertença o fizesse sofrer pelas intenções e ações ruins. Também há o um elemento que faz parte do pedido de casamento e que assim como Esther, também faz parte da comunidade da família, uma mesa.

> Mendele vai falar com o mohel. Esther, a mãe, irmãos menores espreitam da cozinha. Mendele e o e mohel sentados à mesa, frente a frente. A mesa foi o mohel mesmo quem fez.
> (Uma noite, ele não podia dormir. Certos demônios atormentavam... Levantou-se, vestiu-se, pegou o machado, foi ao bosque. À luz da lua examinou as árvores, murmurando baixinho palavras incompreensíveis.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



> Escolheu dois grandes pinheiros. Abateu-os a golpes vigorosos. Despojou-os da galharia. Preparou as toras. Arrastou-as, ele mesmo, até a casa. Cortou-as tábuas, que secou numa estufa improvisada, cujas chamas alimentava com o escasso carvão disponível. E não falou com ninguém, enquanto trabalhava.
> Secas as tábuas, aplainou-as, lixou-as. Serrou, pregou -a mesa tomando forma. Ficou pronta numa sexta-feira.
> A família toda ajudou a carregá-la para dentro de casa. Cobriram-na com uma toalha branca, colocaram os pratos e os talheres, o castiçal. Esther acendeu as velas, o pai abençoou o vinho; a mãe, o pão. Sentaram e comeram.) Sentados, os dois, olhando a mesa. Mêndele levanta a cabeça e diz que quer casar com Esther.
> O mohel não responde logo. Aperta o copo de vinho nas mãos enrugadas, olha a mesa. Nas tábuas antes lisas surgiram sulcos, entalhes: sinais. A testa do homem se franze. Mêndele espera a resposta. (SCLIAR, 2010, p. 15).

Sobre o dote, no romance não aprece explicito, pelo contrário. Mêndele, que é movido por uma possível pressão e culpa, já que é um emigrante que retorna e é festejado pela comunidade, assim como bem recebido pelos pais de Esther. Fato que pode ter culminado no definhamento do personagem e uma possível causa da morte, mostrando, assim, um aspecto psicológico desenvolvido pelo mesmo.

Ambos aspectos confirmam as relações dos fatores associados ao ato da imigração, fatores condicionados a segregação, instabilidade financeira, antissemitismo, a promessa do emigrante que retorna, dentre outros fatores, além de questões subjetivas (SMITH JUNIOR, 2012), que impulsionam a tomada de decisão, ou a única opção para sobrevivência.

Assim, os dois autores impulsionados por um motivo comum – a situação das imigrantes judias –, retratam mulheres em épocas distintas, com enredos individuais, mas que se ligam em diversos pontos. Desse modo, de acordo com Claudon e Haddad-Wotling (1992, p. 36), a circulação lateral de um texto literário a outro, é facilitada pela existência de um ponto focal que serve de referência comum. Sendo pontos focais nos romances, as personagens enquanto mulheres judias imigrantes, em situações de exclusão social e de servidão.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Outro fator importante para a temática e o sistema de gênero é a maternidade, nesse caso, destaca-se a relação comparatista de estabelecer relações coerentes e denominadores comuns. Assim, os temas secundários, como gênero e maternidade, surgem a partir dessas variedades presentes nas obras, que atravessam a temática geral. Diante de tal perspectiva, resumidamente, ambas personagens se envolveram emocionalmente com outros personagens, além da situação exploratória sexual, mas ainda assim, enquanto mulheres que estavam sendo exploradas. Hana acredita mais uma vez na promessa de casamento e melhorias de vida. Esther cria uma relação com um jovem judeu e é afetivamente envolvida; ambas ficam grávidas.

Esther: “Adoece, de estranha modorra. Uma mulher encontra atravessada na cama, os olhos revirados, balbuciando coisas incoerentes. Não sabe que horas são, não sabe se é dia ou noite” (SCLIAR, 2010. p. 49), após Rafael personagem, também, de família judaica se envolver com Esther e manter um relacionamento escondido da família, se vê obrigado a abandonar a relação, por não ser bem visto na sociedade judaica. A personagem sofre mais uma vez o abandono, o que a leva ao medo da violência contra a própria vida e a que crescia em seu ventre. Destaca-se um aborto que a personagem sofre antes do relacionamento com Rafael, mas que não traz maiores informações no enredo.

A personagem também é ameaçada por Laiser, para que deixe de receber as visitas de Rafael, pois o relacionamento estava chamando a atenção da família de Rafael e da comunidade judaica. Assim, recusando a ceder as ameaças, a protagonista compra um punhal para a proteção, o que não adianta, visto que estava fraca e desorientada e: “Ela se levanta, e aí leva o primeiro murro. Cambaleia, cai. Tenta erguer-se. Os socos e pontapés se sucedem” (SCILIAR, 2010, p. 53), o que retrata que além da situação de escravidão, também sofria diversos outros tipos de violências, como a psicológica e física.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

Após a agressão física que revela a forma como as mulheres na sua situação eram submetidas a diversas formas de violência, Esther procura um médico para confirmar a suspeita de gravidez:

> No dia seguinte procura o médico que as mulheres do bordel lhe indicaram. Trata-se do melhor obstetra da cidade, um professor. Um homem alto e distinto, de óculos. Examina Esther com o cenho franzido não está gostando daquela cliente, nota-se. Esther também não está gostando dele, mas não se importa, não quer para a cama, quer saber se está mesmo grávida. Dois longos dedos de uma mão protegida com uma luva de borracha se introduzem na vagina; é impassível que o doutor diz: sim, a senhora está grávida. E acrescenta: mas eu não tiro.
> Quem disse que eu quero tirar? - grita Esther pulando da mesa. Quem disse? - no seu português arrevesado. Pensa que sou uma vagabunda qualquer? - Sacudindo o dedo na cara do Professor, que recua um passo: calma, minha senhora. (SCLIAR, 2010, p. 54).

Esther deseja essa criança, deseja ser mãe, mesmo que no romance já tivesse confessado, sem detalhes, um aborto. Dessa vez a personagem se sente ofendida quando o médico diz que não faria o procedimento. Entende-se aqui, que algumas situações podem ser levadas em consideração, como a afeição pelo pai da criança e por ambos serem de origem judaica.

Quando a personagem descobre que se trata de uma gravidez, recusa-se a continuar recebendo visitas intimas: “[...] já no terceiro mês não quer trabalhar, não atende aos homens que a procuram – nem o velho Matias, nem os fazendeiros, nem os doutores. Mas aceita presentes. E dinheiro também, em troca de um ou outro beijo” (SCILIAR, 2010, p.54) até fugir: “alucinada, salta da cama, joga algumas roupas na valise, abre a janela, rola pelo telhado do alpendre, arranhando-se toda, caino pátio. Foge, perseguida pelo latido dos cães” (SCILIAR, 2010, p. 59). Dado o trecho, entende-se que a personagem poderia ter uma “escolha” de sair da situação de exploração e escravidão que estava submetida, porém, assim como já retratado nos tópicos acima, a personagem, de uma certa forma, até dado momento do

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



abandono com uma gestação, se sentia acolhida e essa era a única realidade e oportunidade de sobrevivência que conhecia no país receptor.

A maternidade para Esther remete na personagem o desejo de sair da vida de exploração sexual. Fator este influenciado na aspiração de oportunizar ao filho uma melhor condição de vida por meio do contato e criação judaica. Esther era judia e não poderia negar a identidade e a comunidade à criança. Após o nascimento do filho de Esther, decidiu não criá-lo sozinha por dois motivos: o primeiro, era o medo de vingança que sentia de Laiser, personagem traficante que a aliciava. E segundo, e também importante, precisaria voltar para os bordeis para conseguir dinheiro, já que as economias financeiras haviam acabado e assim teria como ajudar na sobrevivência do filho.

Por esses motivos, Esther resolve entregar Marcos aos cuidados da personagem chamada de “Velha Morena”. Esther retorna para os bordeis e entrega dinheiro que consegue juntar para o conforto do filho, não lhe deixa faltar alimentos, roupas e brinquedos. Além de fornecer meios para que a criança fizesse todas as cerimônias da cultura judaica, como a circuncisão, *Bar Mitzvah* e aprender Iídiche.

De acordo com essas retomadas, percebe-se que o personagem Marcos, foi quem de fato possibilitou o desejo de retomar o contato com a comunidade judaica, o resgate da memória e das tradições, que para Esther era negado, por ser uma “impura”. No entanto, para a criança essa comunidade não fora negada.

Em comparativo sobre a maternidade, a personagem Hana também engravida do personagem Josiel – imigrante português que lhe prometia casamento e jurava amor – o mesmo também a abandona ao descobrir que Hana estava grávida, visto que desconfiava da paternidade. Diante disso, a personagem fica adoecida e impossibilitada, fisicamente e emocionalmente, de exercer o meretrício e gerar lucro para o bordel.

> Fevereiro de 1908. A vida de Ana Julia foi se tornando mais difícil à medida que seu ventre ia crescendo. Os clientes não a procuravam mais. O dono do “rendez vous”, senhor Antônio, veio conversar com ela.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



> - Ana, você quase não recebe mais ninguém. Quanto tempo falta para ter o seu filho?
> -Uns quatro meses, senhor Antônio- respondeu ela.
> - Ana, eu sinto muito, mas vou precisar do seu quarto. Acho que você deve procurar um lugar para morar até você ter seu filho. Só volte depois do período do "resguardo". Você ainda me deve muito dinheiro. Trazer você pra cá foi dispendioso e ainda não recuperei nem a metade do que investi. Eu não quero que sua dívida aumente mais nesses meses que não vai poder trabalhar. Eu preciso colocar outra pessoa que "fature" no seu lugar. Por isso eu quero o seu quarto. Eu estou passando por dificuldades e você não está atraindo a clientela!
> - Mas o senhor sabe que não tenho como me manter e também não sei onde morar. Eu quase não sei falar nada em português, não sei escrever e não tenho nenhuma profissão. Como vou viver até meu parto? (SERRUYA, 2010, p. 87).

A personagem Hana, chamada no trecho e após chegar no Brasil de Ana Julia é desamparada devido a gravidez. Assim, sem saber como sobreviver pede abrigo para o intendente "uma pessoa afável e bondosa. Quis conhecê-la porque soube que ela era uma "polaca". Que pertencia ao povo judeu como ele", (SERRUYA, 2010, p. 84), além de ser um dos clientes, se aproximara da jovem e foi a única pessoa que ajudou oportunizando um serviço, um quartinho para que pudesse ficar, e Hana sobreviveu com um pouco da economia que lhe restava.

Com o nascimento da filha, Joseana, Hana tinha dezessete anos e a rejeição do pai da menina a fez adoecer ainda mais, não queria se alimentar e nem fazer a higiene básica e pensava na possibilidade de suicídio. A única solução que encontrou foi que a criança fosse adotada por uma família, no caso, os amigos de Josiel, mesmo não querendo se separar da filha, também desejava oportunizar a ela melhores condições de vida, mas com a condição que a filha tivesse conhecimento da origem judaica da mãe.

> Aliás, foi a condição de Ana Julia que a menina tinha de ser informada que sua mãe era judia. E, no momento de entregá-la aos seus novos pais, a jovem polonesa, com o rosto banhado em lágrimas, tirou do pescoço o cordão com o "shadai", que lhe tinha sido entregue por sua mãe e colocou no pescoço da criança. (SERRUYA, 2010, p. 95).

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Dada a impossibilidade de criar a filha, pois não havia outro meio de subsistência e com o aumento das dívidas no tempo de gestação que Hana se recusou a atender aos homens, diminuía as opções de conseguir sair do trabalho de escravidão sexual e de poder exercer a maternidade como era de interesse.

Vendo-se obrigada a entregar a primeira filha para adoção, presenteou a menina com uma estrela de David e pediu para que a criança fosse informada sobre a descendência judaica da mãe. O presente como herança é o que possibilita, neste caso, segundo as autoras Silva e Benchimol-Barros (2007), o sentimento de pertença, que mais tarde leva Ionathan, bisneto de Hana, a buscar pelas origens identitária judaica.

Retornando, após a personagem entregar a filha e sem condições de se manter financeiramente, Hana adoece, “entrou em um estado de melancolia que foi se aprofundando com o passar dos dias. Não tinha mais nenhuma vontade de viver. [...] o quarto da moça cheirava mal e ela estava jogada no fundo da rede” (SERRUYA, 2010, p. 97). A situação da personagem, apresenta um quadro de adoecimento, da situação de escravidão, abandono, gestação em um processo de descaso, violência, impossibilidade de criar e cuidar da filha, gerando um adoecimento psicológico nos pós-parto. Destarte, frisa-se que o retorno para os bordeis por partes das personagens não foi uma escolha, pois as mesmas estavam em condições de marginalização, acrescido por dívidas, chantagens e violências.

Em relação a situações análogas as dos imigrantes, deve-se destacar a objetificação que estes carregam na sociedade de chegada, assim como Smith Junior (2012) descreve a partir do imigrante espanhol que não deve ser olhado de forma estigmatizada. Completando que é preciso compreender esses sujeitos além de pessoas miseráveis e analfabetas, para não as condenar a serem sempre “invisíveis” para a história das migrações. E assim, entendê-las como imigrantes que deixaram suas terras natais e vieram com o objetivo de dar um novo rumo a sua vida. De mesmo modo, concordando com a necessidade de romper os estereótipos,

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



pontuado por Smith Junior (2012), também entender ao rompimento dos estigmas de “indesejáveis”, perpetuados para referir-se às Judias imigrantes e escravizadas. Assim, reconhecendo as situações e opressões para poder rompê-las.

No entanto, a construção da maternidade nesses primeiros momentos apresentados, refletem nas narrativas e como essas se seguem. De um lado, motiva a personagem Esther a deixar de ser somente explorada pelo sistema de escravidão sexual e se constrói também com o interesse de criar uma casa de prostituição, com a finalidade de sustentar o filho e os próprios interesses financeiros. Impacto esse também causada pela possibilidade de ter contato e influenciar na criação de Marcos.

Em contrapartida, a personagem Hana, além de estar presa num ciclo de exploração, dívidas, chantagens e estar psicologicamente adoecida, ainda sofre a violação da maternidade roubada, não mantem contato com a filha e não sabe sobre como seria a criação desta. A única esperança que é dada, é saber que seria melhor naquela situação que fosse criada por uma outra família, mesmo que não fossem de origem judaica.

As trajetórias de violência e exploração sexual com relação as personagens perduram pelos enredos dos romances. Hana interrompe com o ciclo de dívidas dos bordeis quando o Intendente Municipal, não judeu, que paga as dívidas acumuladas e propõe um “relacionamento” à personagem. Diante disso, Hana volta à Belém e tem mais dois filhos com o Intendente e permanece sob os cuidados dele até o fim da vida.

> Então minha querida, tudo que lhe peço é que seja fiel a mim e me receba sempre que eu for vista-la em Belém. Se me aceitar como amante, eu não deixarei que nada lhe falte! [...]
> -Será que o que ele está me propondo não é ser prostituta de um homem só?- Pensou- Não. Eu estou tendo muita sorte. Quem mais faria isso por mim? Esse homem já provou que é meu amigo e que quer meu bem. Tenho que entender isso de outra maneira. Pensar que isso é realmente um casamento. Só que sem papel. E eu vou respeitá-lo como um verdadeiro

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



> marido. É o mínimo que posso fazer para retribuir todo amor que ele me demonstra. (SERRUYA, 2010, p.100).

Infere-se que a personagem não tinha saúde psicológica para permanecer e muito menos sozinha encontrar um meio de saldar as dívidas e encaminhar a vida. Logo, o personagem do Intendente ao propor-lhe cuidados e exclusividade foi a única opção de sair dos bordeis. No entanto, esse relacionamento é baseado no interesse, propõe a Hana mais "liberdade", sair dos bordeis, voltar a frequentar, mesmo que de forma tímida, as sinagogas e criar os dois outros filhos; e para Intendente, uma relação exclusiva com uma das polacas do bordel que frequentava, o que ainda contribui para a perpetuação do sistema de escravidão de mulheres.

Em relação a personagem Esther que construiu o próprio bordel, "A casa da Sereia", ação de interesse em ganhar dinheiro alimentando o mesmo sistema que a aprisionou, além de outras decisões e ações tomadas pela mesma é o que a condiciona a ser uma personagem anti-heroína como apresenta Candido (2000). Uma protagonista que apresenta qualidades iguais ou inferiores as humanas, que está em uma situação social de escravidão e precisa fazer o que for necessário para a sobrevivência própria e do filho o que retoma e complementa o *modo irônico* de Frye.

Conforme apresenta Hall, sobre as variações da construção das identidades como algo fluido, não estagnado, as personagens também são construídas por meio da linguagem[3] e variam suas identidades, assim modificando-se ao longo do enredo e estas se conflitando e direcionando as ações. Jovens judias polonesas em situação de vulnerabilidade e perseguição, emigrantes e imigrantes, mulheres vítimas de tráfico, polacas judias, mulheres escravizadas e prostitutas, mães e indesejáveis. Muitas dessas categorizações identitárias também partem de um outro para validação, ou seja, não dependem somente das personagens, mas também da sociedade, e no caso na literatura da intenção do autor e na receptividade do leitor.

[3] *Brait (2017).*

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Uma das identidades nas quais ficaram conhecidas muitas mulheres, tanto as “enganadas” quanto as mulheres que exerciam o meretrício – e que também são chamadas as personagens –, são as polacas. Estas mulheres indesejáveis para a sociedade judaica e as famílias de bons costumes, representam dentro do papel da imigração uma identidade que lhes foram atribuídas e construídas de teor pejorativo, que classifica essas mulheres como impuras dentro da religião judaica e da sociedade como um todo.

Esse termo passa a ser da definição apresentado por Grumam (2006) como: “polacas”, sintetizavam a imagem das mulheres pobres oriundas das regiões agrícolas e industrialmente atrasadas do continente europeu para uma generalização, “equivalente ‘polaca’ como prostituta aos olhos da população não-judia” (FALBEL, 2008, p. 149), despontando assim, uma relação tradutória também das identidades das Judias Hana e Esther, que passam de pequenas camponesas de comunidade judaica na Polônia, para sofrer outros processos de identificação como Polacas, indesejáveis.

Para Candido (2017), a criação de personagens é um trabalho do autor que se relacionam elementos como: memória, observação, imaginação, entre outros graus variáveis. Do mesmo modo, as personagens Hana e Esther, por meio da temática da emigração de mulheres judias, retratam a experienciação da memória judaica, da observação de fatos históricos e da criação e liberdade imaginária de seus autores. Traçando a natureza das personagens das ideias dos romancistas e da coerência interna do romance.

Por mais que dentro das comunidades judaicas imigrantes houvesse um distanciamento para evitar também o antissemitismo e o julgamento de comparação dos judeus como traficantes da própria comunidade, esse sistema de tráfico e de escravidão impôs duas justificativas de uma sociedade patriarcal: a primeira é a objetificação de mulheres e comercialização destas. Assim, justifica-se como uma solução para um “problema” apresentado pela sociedade do desenvolvimento que

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



desejavam as mulheres brancas e de etnias consideradas superiores culturalmente dos que eram oferecidos pelos bordeis brasileiros. A segunda é o silenciamento e apagamento histórico dessas mulheres como sujeitos participantes da imigração, do antissemitismo brasileiro, da marginalização e escravidão.

Desse modo, a literatura ficcional ao dialogar com os momentos históricos e sociais, abre retomadas de feridas nas tradições judaicas e na proposta de modernização da sociedade receptora. Como afirmam Machado e Pageaux (1989), repensar a história é necessária, visto que é por eles consideradas abstratas toda e qualquer investigação feita que exclua a relação com o real vivido, o que gera o risco de apresentar conclusões parciais. E assim por meio do método aberto à discussão, à releitura na abordagem interdisciplinar.

Outrossim, é indubitável a possibilidade e abertura da temática da imigração de mulheres judias e do tráfico de mulheres brancas que essas personagens protagonizam. Enfatizando mais uma vez a importância dos registros do gênero romance, assim como outras expressões literárias para desvendar a participação de mulheres judias imigrantes, em situação de escravidão, as polacas, na cultura e na sociedade brasileira.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

> De repente todos somos imigrantes
> Trocando uma casa pela outra
> Primeiro trocando o ventre pelo ar
> Depois o subúrbio pela cidade imunda
> Em busca de uma vida melhor
> Mas alguns de nós abandonam sua terra por completo
> (KAUR, Rupi, 2017, s/n).

Com a licença poética, apresenta-se a autora contemporânea Rupi Kaur, que sofre o processo de imigração por ser uma mulher indiana imigrante, e isso se reflete no poema *de repente somos todos imigrantes* que propõe que toda a

sociedade vive em constante processo de mudança, desde o primeiro movimento humano de imigração, ou seja do nascer até o momento do deslocar-se de casas e territórios, em busca, como evoca o eu-lírico, de uma condição melhor de vida. Além de estar em transitoriedade ser um ato necessário para sobrevivência, como do ventre ao ar, ser imigrante é corpo entre territórios, é o viver nas linhas e fronteiras, é subjetividade.

Em situações semelhantes, o trecho que apresenta que “Alguns de nós abandonam sua terra por completo”, e nesses abandonos, é lido dentro das mais diversas possibilidades, tais como a associação à memorialística, o abandono quando se esquece, por fatores que pode ser de violência, ou até do mesmo do apagamento histórico.

Assim, como o imigrante que abandona por completo sua terra, do mesmo modo a não preservação ou o recontar de histórias, de situações e de vivências de imigrantes são silenciados pela sociedade. Por essa situação, considera-se esta pesquisa interpretativa e reflexiva em comparação com os registros históricos e sociais, na qual demonstrou que os romances *O ciclo das águas* e *Cabelos de Fogo* possibilitaram o estudo da temática da imigração e o rememorar de vivências sociais de imigrantes mulheres judias no Brasil.

Retoma-se que o fluxo migratório territorial de judeus asquenasitas no Sul e os sefaraditas no Norte do Brasil, que são culturalmente diferentes e que estabelecem também meios de vida e de como resistir a fé judaica a partir de diversos processo de contato com a cultural local. Com essa visada, as personagens que foram abordadas, no caso Hana e Esther, permeiam, enquanto imigrantes, com realidades distintas tanto culturais e geográficas em relação ao Norte e Sul. Sendo que entre os reflexos dos ambientes que foram criados, vale frisar que ambas personagens são de origem judaica asquenasita, vindas de comunidades da Polônia.



Adentrando os romances abordados, destaca-se os que retratam contextos históricos dos processos migratórios do Brasil, e narram em terceira pessoa, sobre: a exploração da borracha e o desenvolvimento agrícola que antecedem as mobilizações antissemitas no país, datado dos anos Vargas. Logo, os dois autores, Moacyr Scliar e Marcos Serruya reproduzem, por meio da ficção uma retomada da história e possibilitam visões protagonistas de mulheres, através das construções das personagens judias, que sofreram o processo de imigração e foram marginalizadas pela sociedade de partida e chegada, retratando assim, uma literatura com uma promoção de temas e vozes que abrem a possibilidade de análise social da figura feminina na literatura.

É importante destacar que as personagens vindas da Europa representam uma sociedade que se buscava no período do ciclo da borracha, chamada civilizada, e sendo mais valorizadas que mulheres negras, pardas e indígenas no contexto social da época pelo padrão de beleza da mulher branca. Estas, ao saírem de suas condições que já eram de vulnerabilidade e de sobrevivência, chegam como um sujeito imigrante que é marginalizado e, nessa condição, pelo processo de servidão, sofrem também pelo colonialismo e pela exploração em nome do desenvolvimento.

Assim, mesmo que os dois romances tenham sido escritos por autores, em regiões opostas do país, isso demonstra que os pontos de vistas se atrelam às personagens femininas como protagonistas da mesma história de vida, sendo o contar dos sujeitos que sofreram as consequências da imigração e da escravidão, que são amplamente visibilizados e contados sob perspectivas das vivências das personagens e de seus descendentes, que buscam o reencontro com a fé judaica. O que possibilita o recontar e o reconstruir, sob uma análise de gênero e classe. Assim, as histórias das imigrações das mulheres judias possibilitam a reflexão sobre escravização sexual e as situações expostas de preconceito sofridos pelas mesmas. Ambos romances, trouxeram semelhanças e disparidades sobre o processo de emigração/imigração e outros temas que estão interligados.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Outro ponto interessante a ser observado trata-se da relação metafórica no título das obras, águas/fogo. Essas são oposições que completam, assim com Hanna e Esther como vítimas do mesmo destino, a escravidão sexual. As águas, retratadas pelo mar que foi caminho e fronteira para as imigrantes. E o fogo, como um elemento ardente, retratando a sexualidade explorada, o vermelho muitas vezes sendo associado a mulheres que se prostituem. Pode-se arriscar a interpretar que os autores dos romances usaram suas protagonistas para denunciar arquétipos de uma sociedade doentia e decadente.

Logo, é importante destacar sobre os direcionamentos que os romances expõem a partir de um olhar crítico sobre a sociedade construída e moldadas na exploração de mulheres com justificativas pautadas nas opressões patriarcais, sexistas e racistas. Ademais, os autores, assim como grandes contribuintes para a literatura de temática judaica, também se apresentam como pesquisadores do assunto, o que revela a parcela de verossimilhança entre a ficção e a realidade que é escamoteada e silenciada, no caso o tráfico e escravidão de mulheres judias.

Assim, os romances, ao abordarem de uma outra faceta a identidade judaica, expõe também o teor de denúncia social ao fazerem a exposição das mazelas sociais que sofreram os povos judeus, mais especificamente, as mulheres judias em uma tentativa de sobrevivência. As personagens Esther e Hana, de acordo com o que fora apresentado no decorrer do texto, foram submetidas à crimes e violências, como falso casamento, tráfico de mulheres, escravidão, entre outros, que possibilitam um olhar para o outro lado da história do desenvolvimento nacional, em que mulheres em condições de marginalização, imigrantes, pobres e não alfabetizadas eram objetificadas e consideradas “indesejáveis”.

Ainda cabe ponderar sobre a mulheres judias, denominadas polacas, que passam por processos de deslocamento, que tem esse termo de nomeação em seu sentido original deturpado. Se em suas terras de origem, ser polacas poderia significar ser uma mulher de origem polonesas e camponesa ao adentrar em novas

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



terras, o termo “polaca” pode também adquirir um outro sentido, no caso mais voltado para a condição de escravização. Este talvez seja um ponto interessante para novos estudos em torno das obras trabalhadas. Assim, uma relação tradutória é estabelecida modificando as identidades das judias Hana e Esther, que passam de pequenas camponesas de comunidade judaica na Polônia para sofrerem outros processos de identificação como polacas, indesejáveis e dentre tantas outras identificações.

Por fim, cabe aqui relembrar o passado por meio das teorias e da história social das personagens imigrantes judias, e ainda repensar visibilidades contemporâneas que iguala mulheres que foram escravizadas, e vítimas do lenocínio, com os seus opressores, traficantes e cafetões, com a mesma definição de indesejáveis. Ademais, abrir possibilidade que não se esgotam nessa pesquisa de discussões temáticas que permitem os romances abordados para estudos e diálogos futuros. Essa empreitada acadêmica de investigação de fontes e conexões com a literatura, descobre estigmas sociais que atravessam culturas. Do mesmo modo, abre a possibilidade fictícia traçada pelas personagens Hana e Esther, que assim como nos romances, no contexto social brasileiro contribuiu para a reformulação e a história da comunidade judaica, como os seus descendentes, em busca da recuperação da cultura e do sagrado que lhes foram negados.

Referências:

AGUIAR, T. R. *Narrativa da Diáspora:* Uma análise de O Centauro No Jardim, de M. Scliar, 2017. 92 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2017.

AIZIM, Lúcia. *Cânticos.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.

AMARAL, L. *Moacyr Scliar:* diálogos entre memória e diáspora. 2018. 289 f. Tese (Doutorado em Estudos Judaicos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

BENCHIMOL-BARROS, S. H. Tradução cultural, religião e costumes judaicos na Amazônia Brasileira: essencialismo e hibridismo sefarditas. In: BARROS, S. H. B.; SILVA, A. F. C. (Orgs.). *Ecos Sefarditas Judeus na Amazônia*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2020, v. 1, p. 157-169.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 9ª ed. - São Paulo: Contexto, 2017.

CALIXTO, L. A. G. *Esther:* uma prostituta judia em O ciclo das águas. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudo Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Uberlândia, 2017.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p.51-80.

CANDIDO, E. K. *Quatro poemas judaicos*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p. 190–195, 2020. DOI: 10.35699/1982-3053.2020.25247. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/ article/view/25247. Acesso em: 24 nov. 2021.

CARNEIRO, M. L T. Cidadão do Mundo: o Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo – 1933-1948. 2011.

CLAUDON, F.; HADDAD-WOTLING, K. *Elementos de literatura comparada. Teorias e métodos da abordagem comparatista*. Mira-Sintra: Estampa, 1992.

FALBEL, N. *Judeus no Brasil*: estudos e notas. São Paulo. Humanitas: USP,2008.

FALBEL, N. *Literatura ídiche no Brasil.* São Paulo: Humanitas, 2009.

FERREIRA. P. F. S. *Memória e Migração: Uma Análise do romance "O retorno" de Dulce Maria Cardoso.* 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2020.

FERRER. S. M. V*. Os judeus no Brasil: Traços Etnográficos de uma herança cultural de longa duração.* Revista Historiar, ano II, n. I (2010)



FRANCO JUNIOR. A. *Operadores da leitura da narrativa. In*: BONNICI, T.OSAMA, Z. (orgs). *Teoria literária: abordagem históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2013

FRIO, F. *As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau*. Trad. Term, São Paulo, v. 22, dez., 2013, p. 15-30.

FRYE, N.. *Anatomia da crítica.* Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1978

GRUMAN, M.*A Prostituição Judaica no Início do Século XX: desafio à construção de uma identidade étnica positiva no Brasil.* Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, fev./abr., 2016. p. 83-99.

HALL, S. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

IOLOVITCH, M. *Numa clara manhã de abril, Romance*. Porto Alegre: Ofic. da Livraria Globo, 1940.

IOLOVITCH, M. *Numa clara manhã de abril, Prefácio de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: Editora Movimento; Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1987.

KINCHELOE, J. Questões de disciplinaridade/interdisciplinaridade em um mundo em transformação. In: KINCHELOE, J. L. & BERRY, K. S. Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 67-99.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras: As polacas num exercício de solidariedade e sociabilidade.* Dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1994.

LARGMAN, E. Jovens Polacas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
MACHADO, A. M.; PAGEAUX, D. H. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MACHADO, A. M.; PAGEAUX, D. H. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2ª ed. Lisboa: Presença, 2001.

MADER, E. A. *A Escriba e a Prostituta:* A Representação da Alterjudeidade Feminina na Ficção de Moacyr Scliar. 2019. f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

NASCIMENTO, L. S. Imigrantes: identidades em trânsito. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 10, p. 110-114, dez., 2006.

NOTTINGHAM, P. FROTA, H. *O Brasil na rota do tráfico de escravas brancas: entre a prostituição voluntária e a exploração de mulheres na belle époque*. Sinais Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.11, v.1, Junho. 2012.

PAGEAUX. D. H. *Musas da encruzilhada. Ensaios de Literatura Comparada*. São Paulo; Santa Maria/RS: Hucitec; UFMS, 2011.

RUBIN, G. *O tráfico de mulheres:* notas sobre a "Economia Política" do Sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAYAD, A. *A imigração ou o Paradoxo da Alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: USP, 1998.

SCLIAR, M. *A Guerra no Bom Fim*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

_____. *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

_____. *Os deuses de Raquel*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

_____. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *O Ciclo das águas*. Porto alegre: LPM POCKT, 2004.

_____. *O texto, ou: a vida – uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SERRUYA, Marcos. *Cabelos de fogo*. Belém: Edição do autor, 2010.

SILVA, A. C.; BARROS, S. H. B. A Teshuvá Em Cabelos de Fogo de Marcos Serruya: O Shadai Herdado e o Retorno à Cultura Judaica na Amazônia Paraense, *NOVA REVISTA AMAZÔNICA*, v. 1, mai., 2017, p. 67-77.

SILVA, A. C. Escritores sefarditas na Amazônia. Arquivo Maaravi: *Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 14, n. 26, maio 2020. ISSN: 1982-3053.



SMITH-JÚNIOR, F. P. *Imigração espanhola na Amazônia:* as colônias agrícolas e o desenvolvimento socioeconômico do nordeste paraense (1890-1920). 2012. 212 f. Tese – Núcleo do Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Francisco Pereira Smith Junior
Doutor em Ciências (Naea/Ufpa) com pós-doutorado em Literatura Comparada (Ppgl/Unioeste), Mestre em Estudos Literários (Ppgl/Ufpa), Especialista em Língua Portuguesa (Ufpa). Professor Permanente do Programa de pós-graduação em Artes (Ppgartes/Ufpa). Professor Assiciado II da Universidade Federal do Pará (Ufpa).
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6336-9249
E-mail: fransmithj@gmail.com

Lucideyse de Sousa Abreu
Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará e Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (Pplsa/Ufpa).
ORCID:https:// 0000-0002-6995-3403
E-mail: Deyse4e@hotmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 14 de novembro de 2023
Aceito em 07 de fevereiro de 2024

Editor: Júlia Maria Hummes

ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 58
JANEIRO A MARÇO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 58
ARTE, EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

Francisco Pereira Smith Junior; Lucideyse de Sousa Abreu. HANA AND ESTHER: MARGINALITY AND PROSTITUTION IN THE EARLY 19TH CENTURY. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.58, nº58, p. 1-33, e1339, 2024.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br